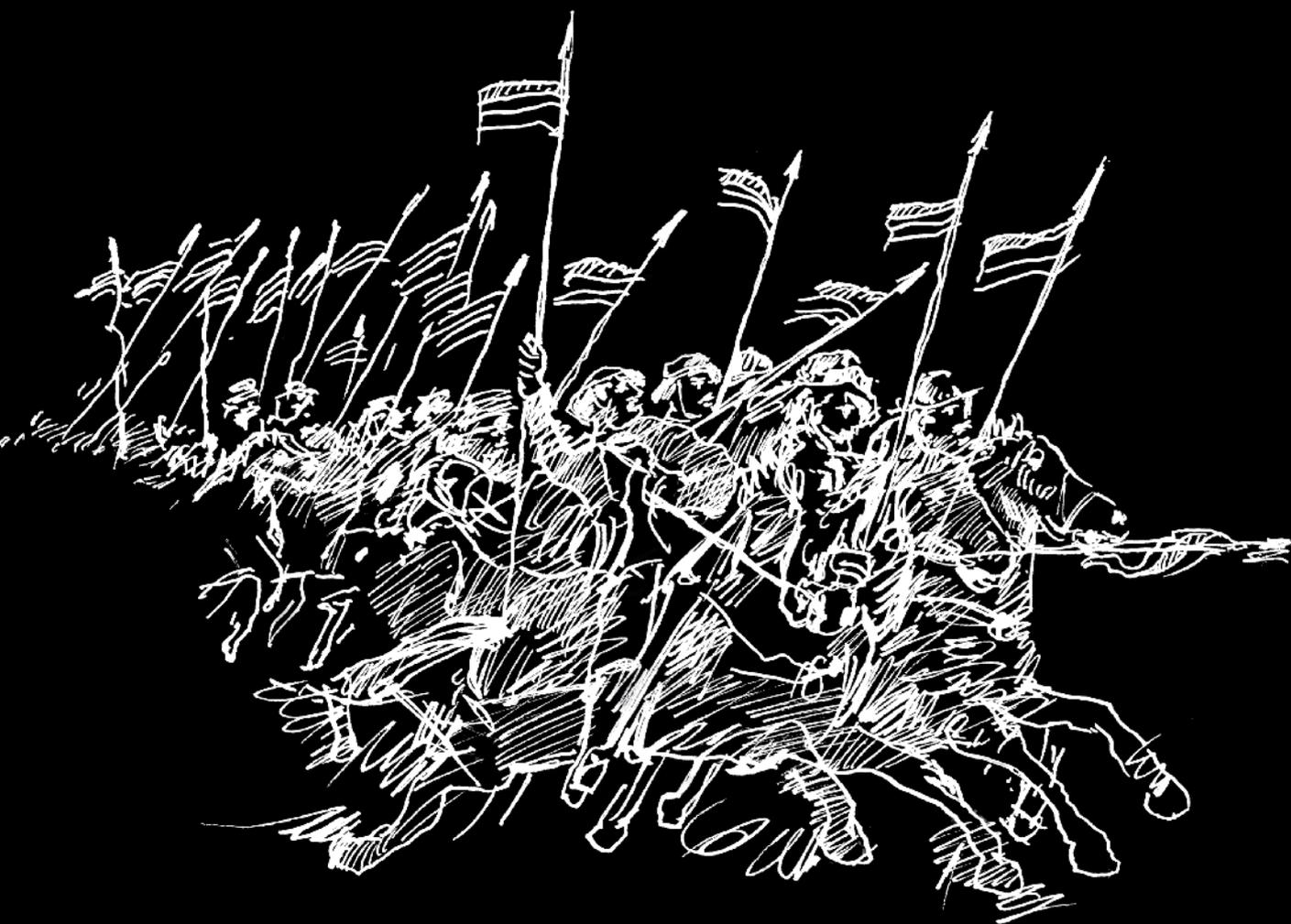
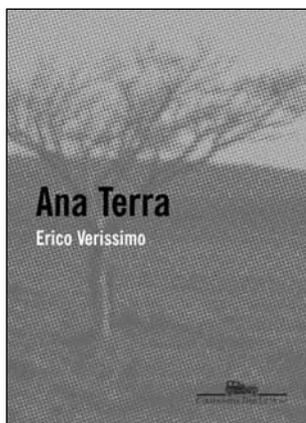


ANA TERRA E
UM CERTO CAPITÃO RODRIGO





A família dos Terras, que veio de São Paulo para se instalar nos campos do Rio Grande do Sul, é formada pelo pai, Maneco Terra, sua esposa, dona Henriqueta, e os filhos Horácio, Antônio e Ana. A vida deles é dura, simples e rústica, e está sempre ameaçada por índios fugitivos e bravios, por bandidos e renegados, e pelas guerras entre lusos e castelhanos.

É nessas guerras que aparece a personagem histórica Rafael Pinto Bandeira, líder da partida das tropas lusas (já “brasileiras” em formação) na conquista e defesa da fronteira.

Certo dia Ana descobre um índio mestiço ferido e desmaiado. É Pedro Missioneiro, remanescente das antigas missões jesuíticas, que fora atacado por assaltantes vindos das “terras dos castelhanos”. Acolhido com desconfiança pela família de Ana, termina sendo aceito pela necessidade de braços para o trabalho e por saber lidar com os animais. Logo surpreende a todos com seus dotes, numa mistura de encanto e desagrado: sabe ler, fala diferentes línguas, toca música e conta histórias.

A princípio Ana tem asco do estranho, mas aos poucos é cativada, seduzida, e engravida. Ao descobrir a gravidez, Maneco Terra manda matar Pedro. Ana se revolta contra a crueldade, porém acaba se resignando. A criança nasce, e ela lhe dá o nome de Pedro. O menino cresce, a família prospera um pouco, adquire escravos. Horácio se casa e vai viver em Rio Pardo. Antônio e a mulher, Eulália, têm uma filha. Dona Henriqueta envelhece e morre.

A vida da família se interrompe bruscamente quando suas terras são invadidas por bandidos castelhanos. Eles arrasam tudo, matam Maneco, Antônio e dois escravos. Estupram Ana, que ficara em casa para resistir e distrair-lhes a atenção — e assim salvar Eulália e as crianças.

Ana, o filho Pedro e os outros sobreviventes se juntam a um grupo de colonos que vão para o planalto, região onde o poderoso coronel Ricardo Amaral estava fundando um povoado. Lá recomeçam a vida, e se envolvem de novo em conflitos e guerras intermináveis. Pedro agora é soldado recrutado. Ana adquire fama de boa parteira e de mulher corajosa. O episódio se conclui com a partida de Pedro para uma nova guerra, enquanto as mulheres amargam a eterna espera.

Ana Terra é o segundo episódio, do ponto de vista cronológico, do romance *O Continente*, que dá início à trilogia *O tempo e o vento*.



A ação começa em 1828, com a chegada do capitão Rodrigo Severo Cambará a Santa Fé, já um pequeno burgo comandado pelo coronel Ricardo Amaral Neto, veterano das campanhas guerreiras entre lusitanos e brasileiros de um lado, e espanhóis e uruguaios do outro.

Numa entrada ruidosa, o capitão Rodrigo irrompe no bar do Nicolau: “Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!”. “Pois dê”, desafia a resposta calma e firme de Juvenal, neto de Ana Terra, um tipo quieto, taciturno, indiático.

O desafio é na verdade o princípio de uma sólida amizade. Rodrigo conhece a irmã e o pai de Juvenal, Bibiana e Pedro Terra, filho de Ana com o enigmático Pedro Missioneiro. Apaixonado à primeira vista por Bibiana, Rodrigo decide se estabelecer em Santa Fé, na contingência de contraditar o potentado do burgo, o coronel Ricardo Amaral Neto, que não deseja sua permanência. Rodrigo fica, mas desperta a inimizade do filho do coronel, Bento Amaral, com quem disputa o amor de Bibiana. O enfrentamento dos dois converge para um duelo à faca, e Rodrigo é gravemente ferido. Mas sobrevive graças aos cuidados de Juvenal e do padre Lara, que também se deixa seduzir pela personalidade fascinante do capitão.

Casam-se afinal Rodrigo e Bibiana, apesar da discreta insatisfação de Pedro Terra e da inimizade dos Amarais. Logo vêm os filhos. Rodrigo tenta levar uma vida civil, tornando-se sócio de Juvenal na posse de uma venda. Afeito às lutas, às noitadas de carteados e bebida e às aventuras com mulheres, Rodrigo não se dá bem na vida de homem pacato e casado. Numa noite em que fica jogando até tarde, morre-lhe a filha Anita, deixando-o aturdido e desamparado. Quando tudo parece desabar, uma guerra vem “salvá-lo”. É a Revolução Farroupilha, que se inicia em setembro de 1835. Soldado de primeira hora, ele adere à revolução. Mas tem de deixar Santa Fé, dominada pelos Amarais, fiéis ao governo do Rio de Janeiro.

Algum tempo depois, Rodrigo volta para tomar a vila, mas morre numa luta com Ricardo Amaral. Enquanto isso, a vila cresce; começam a aparecer riquezas financeiras, até um certo luxo e “modernidades”. Só que esses novos tempos não terão mais a magia da época dos heróis fundadores.

Um certo capitão Rodrigo é o terceiro episódio do romance *O Continente*.

Do “povo ninguém” à construção da identidade

Ligia Chiappini



*Personagens de ficção fortes e vigorosas,
como Ana Terra e o capitão Rodrigo,
convivem com personagens e fatos históricos.*

*Estes só ganham vida através daqueles:
e assim a ficção renova a nossa visão da história.*

O “POVO NINGUÉM”

Em seu livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), o antropólogo Darcy Ribeiro apresenta definições que podem ajudar a entender a condição de Maneco Terra e de Pedro Missioneiro em *Ana Terra*: “Temos aqui duas instâncias. A do ser formado dentro de uma etnia, sempre irredutível por sua própria natureza, que amarga o destino do exilado, do desterrado, forçado a sobreviver no que sabia ser uma comunidade de estranhos, estrangeiro ele a ela, sozinho ele mesmo. A outra, a do ser igualmente desgarrado, como cria da terra, que não cabia porém nas entidades étnicas aqui constituídas, repellido por elas como um estranho, vivendo à procura de sua identidade. Sabendo-se outro, tem dentro de sua consciência de se fazer de novo, acercando-se dos seus similares outros, compor com eles um nós coletivo viável. Muito esforço custaria definir essa entidade nova como humana, se possível melhor do que todas as outras. Só por esse tortuoso caminho deixariam de ser pessoas isoladas como ninguéns aos olhos de todos”.

Para definir essas condições ambíguas geradas pelo empreendimento colonial, que no Brasil envolvem inicialmente nativos, lusos, africanos e os mestiços decorrentes, Darcy Ribeiro cria um neologismo: a “ninguendade”, conceito oposto mas complementar ao de “identidade”. É para sair da condição de “povo ninguém” que os rebentos da colonização constroem uma nova identidade, a qual os faz “renascer”. Seria esse o sentido simbólico da morte antevista de Pedro Missioneiro?

Embora Ana Terra e o capitão Rodrigo Cambará sejam personagens muito diferentes, ambos são heróis fundadores de Santa Fé, o lugarejo que ao longo dos 150 anos (1745-1895) d’*O Continente* vai se transformando de pequeno povoado, com alguns poucos ranchos, em vila; e de vila em cidade. A partir da sua presença na simbólica Santa Fé, eles fundam o Continente de São Pedro, como era chamado nos seus primórdios o estado do Rio Grande do Sul.

O Continente narra a formação e a ascensão da família dos Terras Cambarás, cuja decadência se precipita nos dois últimos volumes da trilogia *O tempo e o vento*. Ana Terra e o capitão Rodrigo não são, porém, um par romântico. Entre eles há mais de uma geração de homens e mulheres. Quando o capitão aparece no povoado, Ana Terra já está morta e enterrada.

O povoado de Santa Fé, depois vila e cidade, será gerado e gerido pelos Amarais e pelos Terras Cambarás, numa alternância de poder em que estes terão cada vez mais voz. E tudo começa com o encontro dos Terras, na pessoa de Bibiana, neta de Ana, com o capitão Rodrigo. Os Terras Cambarás formarão parte da elite que cria e desenvolve o Rio Grande, mas primeiro precisam vencer a sua condição de origem no mundo colonial — a descendência de um “**povo ninguém**” — e construir a própria identidade. Pedro

Terra, filho de Ana e pai de Bibiana, é filho de um “ninguém”, o mestiço Pedro Missioneiro, que veio, como ele mesmo diz, “de nenhuma parte”, modo indefinido que utiliza para nomear a terra arrasada das Missões, destruídas pelos portugueses e espanhóis em 1756.

O capitão Rodrigo aparece em Santa Fé também vindo não se sabe de onde, das muitas andanças do peão-soldado que correu campo, participando das guerras contra os castelhanos, em tempo de delimitação das fronteiras do sul do Brasil. Da união dele com Bibiana, nasce Bolívar, pai do espartano Licurgo, que será o mandachuva de Santa Fé, depois de derrotar definitivamente a hegemonia dos Amarais, quando da proclamação da República.

A história de Ana Terra vai de 1777 aos anos 20 do século seguinte. A do capitão começa em 1828 e vai até 1836, terminando de modo coerente com sua personalidade de gaúcho valente e atrevido: numa guerra. Comum entre os dois episódios, e característico de toda a trilogia, é o fato de as personagens fictícias andarem lado a lado com personagens históricas. Em *Ana Terra*, aparece, entre outros, o grande **Rafael Pinto Bandeira**, que teria livrado o Continente dos castelhanos, pondo fim ao ciclo das guerras de fronteira na região. Em *Um certo capitão Rodrigo*, comparecem heróis da Revolução Farroupilha, como **Bento Gonçalves** e o general Netto. Ao lado dessas personagens históricas, são referidos alguns governadores do Rio Grande do Sul, a chegada de d. João VI e da família real, a revolução constitucionalista do Porto e seus efeitos no Brasil, a Independência, a coroação e a abdicação de d. Pedro I e o despontar de d. Pedro II.

A arte do romancista faz as personagens e os acontecimentos ficcionais parecerem mais vivos e verdadeiros aos nossos olhos do que as personagens e os acontecimentos históricos. Ou melhor, estes só ganham vida através daqueles. E com essa estratégia se produz a boa ficção: pela invenção constrói-se uma verdade para a história, ajudando a conhecer a complexidade dos fatos e dos atores e a refletir sobre o passado como forma de entender o presente e criar alternativas para o futuro.

O TEMPO DOS PIONEIROS

Quando o episódio de Ana Terra tem início, ainda é tempo de pioneiros, como seu pai, Maneco Terra, com quem ela vive, aos 25 anos, numa casa simples, ao lado da mãe, a sofrida dona Henriqueta, e de dois irmãos, Antônio e Horácio. A família se sustenta criando animais e plantando principalmente o trigo, produto que acompanhará a história da região com os altos e baixos da política e da economia. Esse lugar em que moram é isolado e dis-

RAFAEL PINTO BANDEIRA (1740-94)

Nasceu em Rio Grande, filho de oficial do Exército. Com catorze anos inaugurou sua vida militar, que nunca mais abandonou. Começou a se notabilizar na década de 1770, quando conduziu uma série de campanhas vitoriosas contra os espanhóis, em terras do Rio Grande do Sul. Tornou-se poderoso, acumulou prêmios em dinheiro e terras sob a forma de sesmarias. Demonstrava grande mobilidade no campo de batalha, com deslocamentos rápidos que lembravam a guerra de guerrilhas. Formou batalhões de cavaleiros negros, cuja fama atemorizava os espanhóis. Despertou invejas, e foi denunciado como ladrão de gado e levado preso para o Rio de Janeiro. Inocentado, viu seu prestígio crescer ainda mais. De 1787 a 1790 residiu em Lisboa, de onde voltou como general. Morreu provavelmente de uma infecção generalizada.

BENTO GONÇALVES DA SILVA (1788-1847)

Grande líder da Revolução Farroupilha, entrou para a vida militar em 1811 e participou das diversas intervenções luso-brasileiras no Uruguai em decorrência das guerras de independência daquele país. Estancieiro de posses, foi eleito presidente da República Rio-Grandense, mas afastou-se da presidência no final da revolução. Morreu relativamente empobrecido pela guerra, de um ataque de pleurisia.

AS MISSÕES JESUÍTICAS

A partir do século XVII, a Companhia de Jesus (Ordem dos Jesuítas) instalou uma rede de povoados em terras que hoje estão no Paraguai, no norte da Argentina e no Rio Grande do Sul, estado onde se estabilizaram os Sete Povos das Missões: São Borja, São Nicolau, Santo Ângelo, São Lourenço, São Luís Gonzaga, São João Batista e São Miguel, o mais importante de todos. O objetivo de tais povoados era congregar os índios, sobretudo guaranis, para cristianizá-los e impedir sua escravização. As missões tornaram-se grandes produtoras de artefatos, gado e erva-mate.

No século XVIII, os Sete Povos viraram moeda de troca nas negociações entre a Coroa portuguesa e a espanhola. Com o Tratado de Madri, de 1750, o território dos Sete Povos passou para os portugueses, e o da Colônia de Sacramento, para os espanhóis. Os índios e os jesuítas deviam deixar as missões. Durante a resistência, notabilizou-se o corregedor de São Miguel conhecido como capitão Sepé Tiaraju. A luta só terminou em 1756, quando Sepé morreu em combate. Seguiu-se um grande massacre de guaranis, e as missões foram incendiadas e abandonadas. A Guerra dos Sete Povos é assunto do poema *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama.

TEINIAGUÁ, A LAGARTIXA ENCANTADA

Assim é conhecida a princesa moura que vive sob a forma de lagartixa com uma pedra rubra no lugar da cabeça. Uma das versões mais famosas dessa lenda, que remonta aos tempos dos Sete Povos das Missões, é a do escritor gaúcho Simões Lopes Neto. Segundo o autor, uma princesa moura encantada veio da Espanha para a missão de São Tomé, na Argentina, e ali se apaixonou por um sacristão, que a capturou dando-lhe mel de abelhamirim. Durante o dia ela assumia a forma da lagartixa; durante a noite, transformava-se em princesa, e ela e o sacristão se amavam. Descobertos, ele foi condenado à morte. Mas, depois de algumas peripécias, ambos conseguiram fugir e se converteram numa imagem dos povoadores dos campos do Sul. Ela passou a habitar uma furna próxima à fronteira do Uruguai, onde, conta-se, há riquezas espantosas. Central n' *O tempo e o vento*, o tema da Teiniaguá evoca o poder de sedução e a independência das mulheres.

tante de outros mais povoados, como Rio Pardo, aonde os irmãos vão comprar e vender coisas, e de onde trazem notícias da civilização. A vida ali é feita de muito trabalho, nenhum conforto, poucas alegrias e quase nenhum diálogo.

Certo dia, esse mundo é “invadido” pela presença do mestiço Pedro Missioneiro, com suas habilidades de domador, suas músicas de flauta, suas línguas e leituras, suas histórias, que Maneco Terra achava mentirosas. Eram narrativas que ouvira dos mais velhos em São Miguel, o maior dos **Sete Povos das Missões**, onde nascera e se criara, filho de mãe índia e pai “vicentista”, um bandeirante luso-brasileiro.

Essas histórias traziam vestígios da conquista portuguesa e espanhola e da resistência de uma cultura diferente, para a qual, por exemplo, certos bichos eram sagrados e por isso não podiam ser comidos — como era o caso da mulita, que ajudara a Virgem Maria a salvar Jesus menino. No mundo de Pedro Missioneiro, as mulheres podiam encantar-se em **lagartixa** e os homens podiam antever a própria morte — como ele mesmo fez. Pedro, acolhido pelos Terras, é assassinado por ordem de Maneco, depois de engravidar Ana.

Daí para a frente, Ana Terra vive para criar o filho, amargando ressentimento, sem falar nem com o pai nem com o irmão. Até o dia em que um bando de assaltantes castelhanos lhe matam a família, com exceção da cunhada, da sobrinha e de Pedrinho, filho de Pedro Missioneiro. Atacada e violentada pelos castelhanos, Ana como que morre e renasce, indo ao fundo de um poço e reganhando a superfície, de alma e corpo lavados, pronta para reiniciar a vida fora daquele lugar. Ela é a personagem que começa a paciente construção (ou reconstrução) de uma identidade.

AS NOVAS GUERRAS

Os quatro sobreviventes resistem durante alguns dias na terra arrasada pelos castelhanos, até serem levados para o futuro povoado de Santa Fé, no planalto missioneiro, perto da cidade de Cruz Alta.

Pedro cresce e deve partir para as guerras com os castelhanos, integrando o exército organizado por Ricardo Amaral, fazendeiro que manda no povoado. Ana tem de aguentar

o destino das mulheres: esperar e trabalhar. Pedro vai e Pedro volta. Planta trigo, perde trigo e terras. Constrói uma casa e passa a viver modestamente com o fruto do trabalho. Quando o episódio de Ana Terra termina, é assim que a deixamos, esperando e resmungando com o vento que a persegue. O velho minuano, vento implacável e gelado que vem do pampa, está sempre a rodeá-la, trazendo a memória dos mortos que ela deixou pelo caminho.

Está traçada aí a origem do Continente de São Pedro e sua sina, feita de muitas guerras, esperas, de nascimentos e mortes, da luta do tempo linear, que vai amarrando as guerras e as perdas, e do vento, que traz a voz dos mortos, a lembrança de velhas guerras e a certeza de guerras futuras.

Enquanto as mulheres geram e defendem a vida, com o trabalho cotidiano que vai da roca à lavoura, os homens a destroem peleando. As mulheres são a permanência, elas dão e guardam a vida, até que ela se vá. E então guardam a memória dos mortos e suas histórias, para contar às crianças da família, como Ana Terra vai fazer com Bibiana, sua futura neta.

CHEGA O CAPITÃO

O episódio do capitão Rodrigo começa em 1828, quando ele, no auge dos trinta anos, veterano de muitas guerras, chega ao bar do Nicolau, em Santa Fé. Ainda que espalhafatosa e desafiante, sua irrupção no bar logo produz um amigo, Juvenal Terra. Impressionado com a firmeza e a coragem deste, Rodrigo evita a briga iminente, convidando-o a tomar um trago e a conversar. É nessa conversa que o romancista revela ao leitor episódios passados da vida do capitão e sua participação nas guerras contra os castelhanos, desvendando alguns ângulos mais gerais da história do Rio Grande, do Brasil, do Prata e da Europa, já que as tensões na fronteira com o Uruguai e a Argentina refletiam volta e meia tensões entre Portugal e Espanha e entre estes e outros países europeus.

É pelo olho crítico e ao mesmo tempo fascinado de Juvenal que o capitão Rodrigo se mostra ao leitor, não apenas como valente guerreiro, mas também como um gaúcho anárquico, simpático e arrogante, que entre um gole de pinga e uma garfada de linguiça frita, bebendo e comendo ruidosamente, contrasta com os modos comedidos de Juvenal. Mas é graças a Juvenal que Rodrigo vai, entre outras coisas, escapar da morte certa num duelo com Bento Amaral, o filho do temido coronel Ricardo Amaral Neto, “dono” de Santa Fé. É o início de uma longa amizade entre dois gaúchos muito diferentes mas também muito parecidos.

A imagem de Rodrigo como um gaúcho gaudério, valente para a guerra, talentoso no violão e sedutor com as mulheres aprofunda-se ao longo do livro; Erico disse ser o capitão uma espécie de protótipo dos gaúchos que conheceu na infância, a começar pelo próprio pai — “o macho, o bravo guerreiro, o mulherengo, o homem generoso, impulsivo e livre, principalmente livre”.

A GRANDE PAIXÃO

No dia dos mortos daquele ano de 1828, vamos reencontrar Rodrigo no cemitério, justo no momento em que Pedro Terra e a filha Bibiana, irmã de Juvenal, visitam a sepultura da mãe, Ana Terra. Ele se apaixona à primeira vista por Bibiana, uma continuação da avó em muitos

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA (OU GUERRA DOS FARRAPOS)

Na madrugada de 20 de setembro de 1835, militares rebelados, sob a liderança do coronel Bento Gonçalves da Silva (1788-1847), invadiram Porto Alegre, a capital da província, e depuseram o governante. Era o começo da Revolução Farroupilha, a mais longa guerra civil brasileira, que duraria dez anos e mataria em torno de 5 mil pessoas, numa época em que a população do Rio Grande do Sul mal passava dos 100 mil habitantes.

As causas da guerra eram, entre outras, o descontentamento com perseguições políticas promovidas por autoridades ligadas à administração portuguesa, a insatisfação com o desamparo da região, esquecida pelas autoridades centrais, o excessivo imposto sobre o charque brasileiro e o favorecimento da importação do charque platino, bem como a agitação de ideias republicanas e até abolicionistas.

O prolongamento das lutas ocorreu porque os revolucionários dominavam os campos, onde dispunham de apoio e fartas cavalhadas, além de estarem afeitos às escaramuças, que os imperiais tinham dificuldade de acompanhar. Mas fracassaram na obtenção de um porto. No início de 1845, assinou-se um termo de paz (o Império não quis reconhecer a palavra *tratado*), pondo fim ao combate.

aspectos, sobretudo no caráter firme de mulher estoica. O teimoso capitão, também de nome telúrico — cambará é uma árvore muito forte —, está decidido a permanecer ali, mesmo contra a vontade do coronel Ricardo Amaral, para conquistar Bibiana, apesar da reprovação silenciosa de Pedro. E leva um ano até conseguir casar-se com ela.

Os ganhos e as perdas, as alegrias e os sofrimentos do jovem par são provocados principalmente pelo caráter contraditório do capitão, que ama Bibiana mas é incapaz de abandonar a vida aventureira de peão-soldado, refletida até na roupa que usa, metade paisana, metade militar. Em 1829, Rodrigo é um homem casado, sócio de uma venda com o carreteiro Juvenal Terra. Mas a vida pacata não se coaduna com seu temperamento de gaúcho guerreiro, mulhengo, jogador e cantor.

Em 1835, como para salvá-lo, rebenta mais uma guerra, e ele se transforma num **soldado farroupilha**, vindo a morrer como tal, na conquista militar e simbólica da vila onde para sempre deixará a marca de sua identidade.

Enquanto isso a vila de Santa Fé cresce, e prepara-se o terreno para o aparecimento das riquezas

financeiras, das modernidades, até de um certo luxo. Mas esses tempos e suas figuras não terão mais a magia dos heróis fundadores, a não ser quando aqui e ali algum sinal dos mortos ainda aparece para contar a história até o fim, que é um eterno recomeço.

“AS VOZES INDIRETAS E A LINGUAGEM DO SILÊNCIO”

No episódio de Ana Terra, Erico tinha poucos elementos para traçar um drama de origens. Seria difícil fazer falar figuras com tão pouco a dizer aos outros e a si mesmas. A grande descoberta é algo que no Nordeste o escritor Graciliano Ramos também utilizará: “as vozes indiretas e a linguagem do silêncio”, como disse certa vez o filósofo francês Merleau-Ponty. Ana Terra será mestre em exprimir com poucas palavras sabedoria rica de experiência. Assim explica Erico Verissimo:

A ideia de uma família de analfabetos que vivia sozinha num rancho perdido em meio do verde deserto do Continente, sem vizinhos, sem calendários, sem relógios, sem vida espiritual, não oferecia elementos de drama. Não tardei, porém, a compreender que era exatamente nessa aparente falta de drama que estava toda a dramaticidade daquelas vidas. Quando descobri que os Terras eram casmurros e silenciosos e não se comunicavam entre si, essas possibilidades dramáticas aumentaram.

Se em *Ana Terra* o silêncio fala e a visão se divide ambigualmente entre o narrador onisciente e uma onisciência seletiva, centrada sobretudo em Ana, em *Um certo capitão Rodrigo* é a loquacidade do capitão que comanda a narração, principalmente nos diálogos dele com o padre Lara.

Aí estabelece Erico um confronto entre o ponto de vista do peão-soldado, guiado pela paixão de viver, pelo sentido anárquico e igualitário, e o da Igreja, que pregava a igualdade dos homens perante Deus apesar de servir aos poderosos, curvando-se a eles e ignorando as injustiças. Nesse confronto, põe-se o dedo em algo que será dramatizado com ênfase mais tarde, no tempo de Licurgo Cambará, bisneto de Rodrigo, mas que aparece discretamente desde o episódio de Ana Terra: o latifúndio e a escravidão.

Maneco Terra tinha escravos que até na hora da morte eram meio invisíveis como pessoas para os brancos. Depois da luta com os castelhanos, Ana Terra dá

sepultura a esses corpos, embora desconfie, tarde demais, que um dos negros escravos ainda estava vivo ao ser enterrado. Por outro lado, também se expressa aqui a primeira crítica à concentração de tanta terra na mão de poucos, pela manipulação do **sistema de sesmarias**.

No episódio seguinte, o capitão Rodrigo, quando mais não seja para testar o princípio cristão e as convicções do padre Lara, defende a libertação dos escravos numa sociedade ideal, assim como o fim do latifúndio e a divisão das terras entre todos os sem-terra do Rio Grande. A fala do capitão serve de contraponto crítico à posição da Igreja, ao pensamento e discurso do padre Lara, cuja fala, por sua vez, serve também para examinar criticamente a sociedade rústica de Santa Fé e os homens rudes que a compõem.

As reflexões do padre estão sempre a pesar o direito e o avesso do capitão, sem deixar de reconhecer suas qualidades sob o comportamento do gaúcho semibárbaro, que não teria culpa de sua rudeza, diante da vida de guerras e de abandono que levou desde menino.

OS HERÓIS E A GENTE SIMPLES

Ao lado das personagens fictícias e de suas aventuras inventadas, aparecem desde o início personagens históricas vistas pelo olho do homem comum, o que permite problematizar heróis e feitos.

Rafael Pinto Bandeira, por exemplo, do alto de seu cavalo, tece elogios a Ana Terra quando ele passa rumo à fronteira na luta com os castelhanos. Mas, no olhar terra a terra de Maneco, o herói é apenas um entre muitos estancieiros mais interessados em salvar suas terras do que em salvar a pátria. Há também menções a Bento Gonçalves, às vésperas da Revolução Farroupilha, que, para uns, pretende separar o Rio Grande do Sul do Brasil e uni-lo aos países em formação no Prata e, para outros, quer apenas respeito e reconhecimento do governo central.

A TERRA, AS SESMARIAS E O TRIGO

As lutas de fronteira formaram um padrão de propriedade e de proprietários de terras no extremo sul do Brasil. Os militares recebiam extensas concessões de terra (as sesmarias), que deviam ser utilizadas para criação de gado e protegidas por homens armados. Esses senhores de terra viravam caudilhos, seguidos por gente disposta a matar e morrer por eles.

A Coroa portuguesa tentou povoar aquelas paragens trazendo colonos de outras regiões do Brasil, de Portugal e dos Açores. Mas os colonos mal conseguiam desenvolver uma economia de subsistência, à base de mandioca, milho e pequenas "pontas de gado". Não raro, quando obtinham um plantio mais estável, como o do trigo, viam seu esforço arrasado por alguma guerra ou matança. O trigo era um produto sofisticado e rentável, pois era cobiçado nas vilas e cidades que começavam a surgir. Seu plantio significava promoção social e a possibilidade de abastecer as estâncias dos potentados. Outras fontes de renda importantes eram a criação de gado e a indústria do charque, que abastecia todo o Brasil.

A leitura ficcional da história faz dela algo paradoxalmente mais humano e verdadeiro do que aquela que aprendemos nos manuais escolares, feita de homens e mulheres sem contradições nem dúvidas.

A COMPLEXIDADE DO BRASIL E AS PECULIARIDADES RIO-GRANDENSES

As trajetórias de Ana Terra e do capitão Rodrigo assinalam também simbolicamente a história dividida do Rio Grande entre o Brasil e o Prata. A Revolução Farroupilha se tece na tensão dessa região, e a proximidade física e cultural com o Uruguai e a Argentina é vista como atração perigosa e centrífuga para a unidade brasileira nos anos pós-Independência. Essa revolução é até hoje uma marca da identidade gaúcha, uma forma peculiar de aceitar-se como parte do Brasil, sem perder o orgulho e o desejo de participar com autonomia da federação que o Rio Grande do Sul teria ajudado a construir com o sangue de seus valentes capitães Rodrigues.

Essa brasilidade fronteiriça cada vez mais múltipla vai ser explicitada ao longo dos dois episódios aqui tratados. Em *Ana Terra* já estão o português, o índio e o negro escravo. Em *Um certo capitão Rodrigo*, chegam os alemães, e depois os italianos e outros imigrantes. Mas a mistura não se faz sem tensões e preconceitos, desde a rejeição dos Terras ao índio Pedro Missioneiro até o falatório do povo de Santa Fé sobre a conduta da alemãzinha Helga Kunz, que parte na garupa do noivo para casar-se em São Leopoldo e por isso é chamada de “bicho sem-vergonha”. Ao preconceito racial e cultural soma-se o preconceito sexual: o machismo que reconhece apenas ao homem o direito de responder aos desejos do corpo.

Enquanto o capitão se entrega a tais desejos até as últimas consequências, doa a quem doer, Ana Terra e Bibiana refreiam no amor de um homem só, mesmo depois de morto, as suas ânsias e anseios, a ponto de nem sequer deixá-los aflorar quando ficam sozinhas — embora Ana Terra tenha se entregado a um índio sem saber por quê e Bibiana tenha desafiado a família para casar com o capitão. Apesar de tímidos, esses são sinais de algo que se desenvolverá nos episódios posteriores d'*O tempo e o vento*. E então as mulheres e o Rio Grande vão mudar, mas vai doer em muita gente. Por ora, ainda é tempo de machos e de guerras. E cabe às mulheres trabalhar, parir e esperar...

Leituras sugeridas

1. Os demais romances e episódios d'*O tempo e o vento*. Nada substitui a leitura completa e o conhecimento do destino dos Terras Cambarás e de sua Santa Fé, numa contínua revelação de situações e visões instigantes da história do Brasil.
2. *O último dos moicanos* (1826), de James Fenimore Cooper. O romance focaliza a formação inicial dos Estados Unidos e oferece interessante contraponto às características da formação brasileira e ao nosso romance também. Uma adaptação para o cinema foi filmada por Michael Mann, em 1992.
3. *Martín Fierro* (1873), de José Hernández. O poema, cuja ação se passa no pampa argentino, assinala a formação étnica, cultural e social do gaúcho platino, às vezes coirmão, às vezes inimigo de armas do gaúcho brasileiro nas guerras de fronteira.

4. *O sertanejo* (1875), de José de Alencar. Um dos primeiros romances do regionalismo no Brasil, acontece aproximadamente na mesma época de *Ana Terra* e abrange a formação brasileira nos sertões do Nordeste.
5. *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro. O romance espelha a formação de nosso povo também a partir de uma vasta linha temporal, tendo por centro a cidade de Salvador e a Bahia.
6. *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez. Como *O tempo e o vento*, o romance revê a história de uma região e de um país (a Colômbia) através da história de uma família (os Buendía) e de uma cidade imaginária (Macondo).
7. *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), de João Simões Lopes Neto. Esses contos narram algumas das histórias missionárias inspiradoras d'*O tempo e o vento*. Os dois volumes foram editados em um único livro e estão disponíveis no site <<http://www.bibivirt.futuro.usp.br>>.

Atividades sugeridas

1. No prefácio de uma das edições de *Um certo capitão Rodrigo*, Erico Verissimo afirma: “Cada leitor deste livro verá o capitão Rodrigo à sua maneira, de modo que haverá um dia vários Rodrigos mais ou menos parecidos uns com os outros mas nunca idênticos”. Isso valeria para outras personagens, como Ana Terra, por exemplo. Os alunos podem levantar as qualidades físicas e morais dessas personagens, para descobrir o seu capitão Rodrigo ou a sua Ana Terra. Podem fazer anotações e, depois, apresentar na classe seus perfis, constatando semelhanças e diferenças e fundamentando-as com o texto. Após esse cotejo podem escolher, pelo voto, quais os tipos mais discrepantes de cada personagem.
2. Como muitos escritores e leitores, Erico também pensa que a narrativa escrita dá mais margem à imaginação do que a feita por imagens (filme, vídeo, novela). Diz ele a esse respeito: “E é nesse mistério da participação do leitor que vejo a superioridade do livro sobre o cinema como meio de expressão artística. O cinema tem de mostrar tudo. O romance joga com omissões que são às vezes tão importantes como as descrições e os diálogos explícitos”. Depois de fazer o exercício 1, os alunos podem assistir a versões filmadas ou televisionadas de *Ana Terra* ou de *Um certo capitão Rodrigo*, para comparar o que viram na tela com o que imaginaram lendo e relendo os livros. Podem discutir se Erico tem razão, por quê, e as vantagens e desvantagens na configuração das personagens através da linguagem verbal e visual.
3. O romance, como é praxe, não conta tudo. Escolhe quais acontecimentos resume e quais deve apresentar com mais detalhes aos leitores. A estes cabe descobrir — depois de notar o que vem longamente narrado — aquilo que é sintetizado e o que é silenciado ou apenas sugerido, e qual a função das diferentes estratégias em cada caso. Tendo isso em vista, os alunos podem fazer o exercício criativo de preencher com a imaginação certas elipses da narrativa de Erico, por exemplo, contando por escrito a morte de Ana Terra ou os últimos momentos do duelo entre Bento Amaral e o capitão Rodrigo. As versões podem ser lidas em voz alta, e as melhores, expostas no mural da classe.

4. A história, feita pelos historiadores, é uma narrativa que também faz suas escolhas para falar do passado. Erico sabe disso, e tematiza a dificuldade de apanhar pelo discurso o que de fato ocorreu, pois este implica necessariamente a mediação da subjetividade e do contexto em que ela opera. É o que nos diz esta reflexão do padre Lara, sobre a Revolução Farroupilha: “Não deixava de ser curioso a gente ver a história no momento em que ela estava sendo feita! Dali a cem anos, como iriam os historiadores descrever aquela guerra civil? O pe. Lara sabia como era custoso obter informações certas. As pessoas dificilmente contavam as coisas direito. Mentiam por vício, por prazer ou então alteravam os fatos por causa de suas paixões. Cenas da vida cotidiana que se tinham passado sob o seu nariz, ali mesmo na praça de Santa Fé, eram depois relatadas na venda do Nicolau numa maneira completamente diferente. Como era então que a gente podia ter confiança na história?”.

Pensando nisso, podem ser propostas pesquisas em livros de história e na internet sobre alguns dos fatos históricos referidos em *Ana Terra* e/ou em *Um certo capitão Rodrigo*, para que se confronte a versão da historiografia com a de Erico. Os alunos podem discutir semelhanças e diferenças, procurando avaliar o que se diz e o que se oculta, além do que se aprende, sobre tais fatos através da historiografia e do romance. Grupos podem pesquisar, por exemplo, a imigração alemã para o Rio Grande do Sul; a vida dos índios nas missões guaranis e a destruição destas durante a Guerra dos Sete Povos das Missões; a vinda da família real em 1808; as Guerras da Cisplatina etc. As turmas mais avançadas podem discutir até as versões distintas de um acontecimento dentro da própria historiografia.

5. Os alunos podem, também, levar adiante a comparação, agora com outras versões ficcionais. No caso das missões, podem ler *O Uruguai*, de Basílio da Gama; os *Contos gauchescos* e as *Lendas do Sul*, de João Simões Lopes Neto; o romance *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas, ou ver o filme de mesmo título, de Tabajara Ruas e Beto Souza. Há ainda uma versão feminina em romance e série televisiva, *A casa das sete mulheres*, de Leticia Wierzchowski. Uma forma interessante de trabalho é tomar uma personagem histórica e ver como ela aparece nas diferentes versões. Depois disso, os alunos podem produzir uma peça de ficção, individualmente ou em grupo, apresentando suas razões para compor dessa ou daquela maneira uma personagem histórica de sua escolha.